

Contribuição para uma topologia epistemológica para a ética e a bioética

Enídio Ilário *

Resumo: A reflexão bioética, em tempos de globalização, defronta-se com o desafio de abarcar, de forma sistemática, as visões de mundo que definem, em última instância, as atitudes existenciais e as prioridades políticas, econômicas e sociais da humanidade. O objetivo desse trabalho foi o de desenvolver uma metodologia que permita contribuir para dar conta de tal desafio, renovando assim a chamada “via longa” da Ética e a abordagem ontológica na Bioética. Para tal intento buscou-se um método que chamo hiperdialético, posto que pressupõe o não desconhecimento das superações concretas, parciais e deficitárias que ocorrem no mundo real, no pensamento, no comportamento e na história. Desta forma buscou-se dar inteligibilidade a conceitos usuais nas áreas das quais a Bioética é tributária, através de uma topologia na qual os conceitos e categorias ganham operacionalidade e inteligibilidade uma vez que estão articulados entre si de tal forma a delimitarem quatro campos distintos, espécies de campos epistemológicos. Como resultados, são desvendados os vínculos, especialmente os fenomenológicos, os axiológicos e os ideológicos de conceitos que refletem saberes acumulados em vários campos do conhecimento, no entanto muitas vezes desarticulado pelos excessos analíticos e hermenêuticos na filosofia contemporânea. A partir desta metodologia que parte do *telos* para o *ontos*, buscou-se uma aproximação do fundamento último do homem, ou seja, de um ser em busca por sentido que, sujeita a perigosos desvios, é essencialmente busca de autotranscendência que ocorre, no entanto, no plano da imanência e é nesse campo que se imprimem as tensões e tensões entre o ser e o dever-ser.

Palavras-chave: Autotranscendência, Bioética, Epistemologia, Hiperdialética, Imanência, Topologia

Resumen: La reflexión Bioética, en tiempos de globalización, se hace frente con el desafío de abarcar, de forma sistemática, las visiones de mundo que definen, en última instancia, las actitudes existenciales y las prioridades políticas, económicas y sociales de la humanidad. El objetivo de ese trabajo fue lo de desarrollar una metodología que permita contribuir para dar cuenta de tal desafío, renovando así la

* Professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). *E-mail:* enidioil@fcm.unicamp.br

llamada “vía larga” de la Ética y el abordaje ontológico en la Bioética. Para tal intento se recogió un método que llamo hiperdialéctico, aunque presupone el no desconocimiento de las superaciones concretas, parciales y deficitarias que ocurren en el mundo real, en el pensamiento, en el comportamiento y en la historia. De esta forma se recogió dar inteligibilidad a conceptos usuales en las áreas de las cuáles la Bioética es tributaria, a través de una topología en la cual los conceptos y categorías ganan operacionalidad e inteligibilidad una vez que están articulados entre sí de tal forma a que delimiten cuatro campos distinguidos, especies de campos epistemológicos. Como resultados, son desvelados los vínculos, especialmente los fenomenológicos, los axiológicos y los ideológicos de conceptos que reflejan saberes acumulados en varios campos del conocimiento, sin embargo muchas veces desarticulados por los excesos analíticos y hermenéuticos en la filosofía contemporánea. A partir de esta metodología que parte del *telos* para el *ontos*, se recogió una aproximación del fundamento último del hombre, o sea, de un ser en búsqueda por sentido que, sujeta a peligrosos desvíos, es esencialmente búsqueda de autotranscendencia que ocurre, sin embargo, en el plan de la inmanencia y es en ese campo que se imprimen las tensiones y intenciones entre el ser y el deber-ser.

Palabras llaves: Autotranscendencia, Bioética, Epistemología, Hiperdialéctica, Inmanencia, Topología

1. Metodologia e arquitetura do modelo

Tornar geométrica a representação, isto é, delinear os fenômenos e ordenar em série os acontecimentos decisivos de uma experiência, eis a tarefa primordial em que se firma o espírito científico (Gaston Bachelard).

O presente estudo transita por diversas áreas do saber e tem como motor principal a busca por um método, que culmine em uma verdadeira síntese capaz de permitir a restauração da integridade imprescindível de fenômenos situados no horizonte da Antropologia e da Ética Filosófica. Para tal, este processo passa por uma retomada de velhos caminhos do pensamento, que vão da geometria euclidiana até à moderna hermenêutica, passando pela dialética, sem, todavia descuidar, neste esforço, da precisão conceitual tão importante para, mesmo que inicialmente em bases puramente semânticas, contribuir para a compreensão do ente humano.

Portanto, este construto teórico pode ser entendido como um método integrador, capaz de permitir uma mais efetiva crítica de base epistemológica às matrizes-paradigmas que fundamentam as tendências da Ética contemporânea. Para tal, a escolha de uma métrica de eixos ortogonais, utilizada em inúmeros campos do conhecimento para demonstração de conceitos abstratos, fará o papel estratégico de permitir o exercício da imaginação criativa que tornará possível elaborar sínteses capazes de nos dar a conhecer os fenômenos do mundo pela criação de um construto análogo a Ele. A representação geométrica permite não só situar os conceitos no plano epistemológico dando-lhes inteligibilidade, mas também, daí, deduzir novos conceitos e categorias e, para tal, esse método não prescinde de um princípio ordenador que, no plano teórico-conceitual, será a Finalidade e, é por meio deste princípio que será atribuída a cada conceito ou categoria, no todo, seu lugar e função, para que, nos campos da epistemologia, da psicologia, da sociologia, da antropologia e da bioética, se obtenha uma aplicação do mesmo ao “mundo real”.

2. A colonização conceitual dos eixos ortogonais

O problema filosófico é uma consciência da desordem em nossos conceitos, e pode ser resolvido ordenando-os (Wittgenstein).

No discurso filosófico a questão da moralidade faz com que se manifestem várias polaridades, sendo fundamentais as de *Sociedade - Indivíduo* e *Logos - Conato*. Decorrentes naturais são as tensões que se estabelecem entre tais polaridades, aquela entre *Sociedade* e *Indivíduo* é representada como coordenada horizontal que cinde e é cindida pela coordenada vertical, *Logos* e *Conato*. Tais eixos formam um plano ortogonal, um *Protoplano*, no qual, por definição, o ponto onde os eixos se interceptam é denominado origem; origem de vetores de mesma direção e sentidos opostos (Diagrama 1).

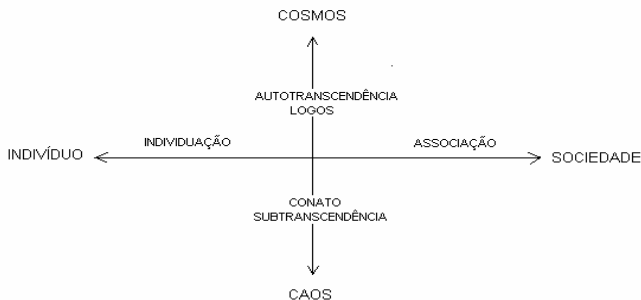


Diagrama 1 - Os eixos fundadores (Protoeixos)

O conceito *Conato* apresenta particularidades conforme utilizado por Hobbes, Leibniz ou Espinosa¹, no presente modelo, tal conceito, deve ser entendido no mesmo sentido que o utilizado por Aristóteles, ou seja, no de esforço e de um agir segundo a natureza e sempre correspondendo a um impulso natural. Mais complexa é a definição de *Logos*, uma vez que este conceito pode ser entendido no sentido teológico, metafísico além de lógico e epistemológico, mas, nesse modelo, o *Logos* será compreendido como realização metafísica de sentido. No Protoplano atuam forças opostas, que no eixo horizontal serão chamados de *Princípio de Individuação* e de *Associação* respectivamente, sendo que o primeiro fundamenta e confere cunho individual a todo o fundo ontológico de um ente, enquanto que o segundo pode ser entendido tanto como material ou psíquico (comunicação ou intersubjetividade). No eixo vertical, atua o princípio da *Autotranscendência*, que pressupõe obrigatoriamente o axiológico e, a busca do princípio antitético, remete à categoria de

¹ “O conceito *conato* desempenhou um importante papel em vários autores modernos, entre os quais destacamos Hobbes, Leibniz e Spinoza. Hobbes usou o termo principalmente em sentido mecânico. ... Leibniz o concebeu como força (vis). Para Spinoza, como esforço por perseverar em seu ser” (Mora, p. 518).

*Subtranscendência*². Não é para menos que a fundamentação do eixo vertical se torna muito mais complexa e, de certa forma, temerária, posto que, embora parcialmente imerso na imanência, tal eixo é postulado como sonda do insondável, do Supramundo e do Caos, espécie de *Axis mundi*³. A partir do que foi até aqui proposto há, por conseqüência, que se perguntar para onde conduz ou aponta o eixo vertical? Posto que tais reflexões remetam obrigatoriamente a questões metafísico-teológicas, cabe aqui delimitar tais conceitos ao campo do pathos do homem e quiçá da própria filosofia como sugerem Gilles Deleuze; Félix Guattari:

Precisamente porque o plano de imanência é pré-filosófico, e já não opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante, e seu traçado recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis. São meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriagues ou do excesso. Corremos em direção do horizonte, sobre o plano de imanência; retornamos dele com olhos vermelhos, mesmo se são os olhos do espírito. (p. 58-9).

Esse plano da imanência contém na coordenada horizontal, a categoria de consciência empírica, que se desdobra nas polaridades *individual – coletiva e corporal – filogenética*. Em sua verticalidade, se desdobra nas polaridades *Idéia – Matéria e Cultura – Natura*. No vetor ascendente encontra-se o conceito Conduta, abarcando a consciência-moral portadora de razão e vontade-livre, na categoria do espiritual⁴. No campo inferior desse mesmo eixo, situam-se o

² **Subtranscendência**: Aqui utilizado no sentido oposto ao de **autotranscendência**, ou seja: como movimento negativo em direção ao caos. Vale ressaltar que no modelo aqui proposto, o conceito de **autotranscendência** estará sendo sempre referido, do ponto de vista teleológico, ao **Transcendente**.

³ “Os três níveis cósmicos – Terra, Céu, regiões inferiores tornam-se comunicantes, a comunicação às vezes é expressa por meio da imagem de uma coluna universal, *Axis Mundi*, que liga e sustenta o Céu e a Terra, e cuja base se encontra cravada no mundo de baixo” (Eliade, *Mircea*, p. 38).

⁴ O caráter complexo do conceito “espírito” tem se prestado a inúmeras confusões a ponto de J. F. Mora (p. 887-891) sugerir: “Há uma possibilidade de tornar mais

conceito Comportamento, abarcando os instintos e as pulsões, na categoria do psicofísico ou corporal (Diagrama 2).

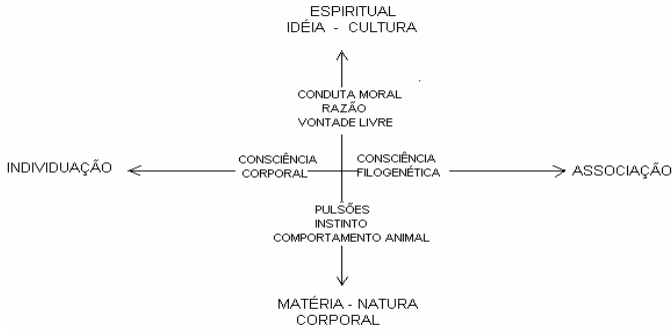


Diagrama 2 - A Consciência Empírica e a Teleologia

Até esse ponto, desenhou-se a estrutura básica do plano, no entanto, há uma infinidade de eixos que instauram infinitos planos e o número deles é proporcional ao número de conceitos existentes. No entanto são a partir dos eixos ortogonais, no espaço delimitado por eles, os *quadrantes*, que se desenvolverão as mais fecundas experimentações, através de exercícios lógicos que, ao contrário dos excessos fragmentadores do formalismo lógico radical, comporão uma totalidade que se estrutura na concepção do Englobante⁵ que tudo pode conter em seu dinamismo e plasticidade.

preciso o sentido de ‘espírito’ e de ‘espiritual’, e é confinar esses termos a concepções filosóficas nas quais eles têm um sentido preciso ...”. No texto, esse conceito é utilizado analogamente a Max Scheler, como constitutivo de uma antropologia filosófica no qual é a própria essência do homem, ou como em Nicolai Hartmann, como parte do ser na qual os valores penetram e como zona de contato entre o humano e o ideal.

⁵ O conceito jasperiano “englobante” (circundante ou abarcante), significa que o homem toma consciência da autotranscendência, sobretudo nas situações limite e que o seu ser está imerso num todo-circunscrevente que não acha nunca expressão adequada em nenhuma das coisas intramundanas.

3. Da integração dos conceitos aos conceitos integralizadores

As divisões já existem; basta preenchê-las, e uma tópica sistemática, como a presente, dificilmente se engana sobre o lugar que convém peculiarmente a cada conceito e ao mesmo tempo nota facilmente o lugar que ainda está vazio. (Kant).

O gráfico ortogonal funda um protoplano que delimita quatro territórios (quadrantes) que serão colonizados, por assim dizer, com novos e velhos conceitos. Essa colonização significa derivar de duas dimensões de naturezas diversas representadas pelos protoeixos, conceitos precisos, situados no cruzamento de linhas perpendiculares traçadas a partir dos conceitos presentes nas coordenadas originais e que incorporam a essência desses, como no processo descrito por Kant na segunda observação em “Crítica da Razão Pura”, quando trata da dialética do entendimento:

Em cada classe o número das categorias é sempre igual, a saber, três. Isso impele do mesmo modo à reflexão, já que, aliás, toda divisão a priori mediante conceitos precisa ser uma dicotomia. A isso é acrescido que a terceira categoria surge sempre da ligação da segunda com primeira de sua classe.... Não se pense, porém, que em vista disso a terceira categoria seja um conceito meramente derivado e não um conceito primitivo do entendimento puro. Com efeito, a ligação da primeira categoria com a segunda para produzir o terceiro conceito requer um ato particular do entendimento que não é idêntico ao ato exercido no primeiro e segundo conceitos. (p. 111).

Imperioso se faz explicitar que a forma de mediação dialética no presente modelo não se dá, como em Hegel⁶, entre *dimensões antitéticas*, mas sim entre *dimensões diversas*,

⁶ O negativo que é oposto ao positivo, neste caso, é distinto do negativo envolvido na negação hegeliana: o positivo nega o negativo como tal, assim como o negativo nega o positivo, e é tanto negativo quanto positivo. Para maiores detalhes sobre o tema consultar Inwood, Michael. p. 239-245.

obedecendo ao Princípio de Complementaridade Dimensional⁷. Dessa forma, tal como na Lógica, a tensão entre tais dimensões permite a geração de conceitos integralizadores, ou seja, aqueles que incorporam a partir dos respectivos quadrantes a essência de seus predecessores tal como uma hiperdialética, já pressentida por Merleau-Ponty:

Em outros termos, o que procuramos é uma definição dialética do ser, que não pode ser nem o ser-para-si nem o ser-em-si – definições rápidas, frágeis, lábeis e que, como disse Hegel muito bem, nos levam uma à outra – nem o Em-Si-para-si, que leva a ambivalência ao máximo (uma definição), que deve reencontrar o ser antes da clivagem reflexiva, em torno dele, no seu horizonte, não fora de nós e não em nós, mas onde os dois movimentos se cruzam onde “há” alguma coisa. (p. 95-96).

Daí infere-se que uma mediação dialética direta ou unidimensional a partir de conceitos vetorialmente de mesma direção e sentidos opostos é um relacionamento de exclusão, produzindo tão somente conceitos vazios. Em tal situação, não há suprassunção e sim neutralização, os conceitos anulam-se mutuamente e essa anulação se manifesta como propriedade da ortogonalidade no ponto de entrecruzamento dos eixos ou origem, convencionado zero. Segue daí que, no ponto de interseção dos vetores vertical e horizontal, encontra-se uma espécie de “zona neutra conceitual”, entre a pluralidade e a unidade; entre a autotranscendência e a subtranscendência e, entre o ser e o nada; uma espécie de ponto germinal ao qual o único conceito adequado é o de Potência. De modo que, isolado no paralelismo ortogonal dos proto-eixos, preso à horizontalidade, torna-se o homem pura objetivação, objeto passivo isolado ou agregado e, preso à verticalidade, torna-se apenas idéia ou sombra. No *Diagrama 3* se observam algumas das principais categorias abarcadas pela Antropologia Filosófica e a maneira como se articulam nos eixos e

⁷ Ver Viktor Frankl: Complementaridade dimensional no campo da psicologia (Fundamentos antropológicos da psicoterapia: p. 42-43).

quadrantes, levando às sínteses ou paradigmas antropológicos existenciais. No quadrante superior, sob a dominância do princípio da associação, a Comunidade e, sob a dominância do princípio da individuação, a Pessoa humana⁸. Pois bem, no plano inferior limitado pela horizontalidade situam-se as categorias derivadas das mesmas dimensões e que configuram as antíteses de Pessoa e Coletividade, respectivamente Solipso⁹ e Massa, ambos afins ao puro instinto.

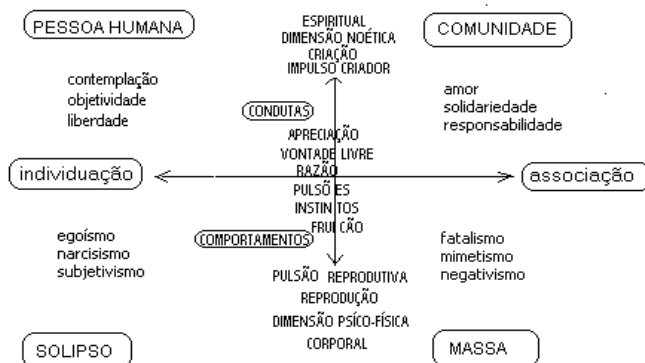


Diagrama 3 - Ontologia, Psicologia e Axiologia

No *Diagrama 4* podemos perceber que o modelo abriga as categorias acopladas sujeito/solipso e massa/território, em oposição às de pessoa/cidadão e comunidade/nação. Da mesma forma como

⁸ Mounier em “O Personalismo” condensou o conceito de Pessoa: 1 – Possui estrutura psicofísica “existência incorporada”. 2 – Transcendência em relação à natureza. 3 – Abertura em direção aos outros e ao mundo pela comunicação. 4 – Dinamismo: “A vida é a busca até a morte de uma unidade pressentida cobiçada e que não se realiza nunca”. 5 – Vocação: “Cada pessoa tem um significado tal que não pode ser substituída no lugar que ocupa no universo das pessoas”. 6 – Liberdade: no entanto, “não como uma condenação, mas lhe é proposta como um dom: ele pode aceitá-la ou rejeitá-la” (p. 39-109).

⁹ Reconhece-se a dificuldade de encontrar um conceito para expressar de forma adequada as implicações ontológicas e antropológicas pressupostas no modelo. Ao autor pareceu melhor, apelar para a categoria de solipso (do solipsismo), aquele que vive apenas para si.

se pode deduzir que a paz e a vontade criadora, no eixo ascendente, são categorias que supressumem as de pessoa/cidadão e comunidade/nação, será lícito supor serem a guerra¹⁰ o instinto de morte¹¹, categorias que supressumem os conceitos sujeito/solipso e massa/território no eixo descendente.

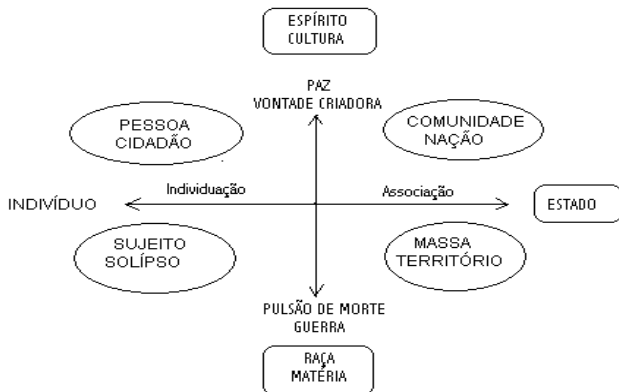


Diagrama 4 - Ontologia, Teleologia e História

Decorre, do que até aqui foi exposto, que a autotranscendência e a subtranscendência são princípios integralizadores, nos limites verticais do plano da imanência. No eixo horizontal também há princípios integralizadores, mas que nesse caso estão esvaziados de conteúdo valorativos numa espécie de movimento dialético reverso, manifesto nos conceitos indivíduo

¹⁰ Dessa forma não estaremos nos afastando da compreensão da realidade repleta de guerras com motivações raciais, territoriais, econômicas e religiosas, movidas por “nações” e “organizações” dispostas a exigir de seus cidadãos e adeptos, um sacrifício “heróico”, espécie estranha de transcendência.

¹¹ O Instinto de Morte, introduzido por Freud em 1920, na sua obra ‘Além do Princípio do Prazer’, é um dos mais discutidos conceitos da teoria psicanalítica. O presente modelo remete ainda estrutura tripartite da mente de Freud, inspirada na doutrina platônica sobre as partes da alma e que corresponderiam ao Id, o Superego e o Ego (1923 – “O Ego e o Id”). O Id e o Superego se situariam antiteticamente no eixo vertical, enquanto o Ego englobaria o eixo horizontal como Princípio de Realidade.

integrando pessoa e solipso e sociedade, integrando comunidade e massa. No processo de suprassunção dos conceitos, as resultantes caminham para o infinito na medida em que rompem, por assim dizer, a horizontalidade e dessa forma, apontam para as bordas do plano da imanência. Nessas resultantes encontraremos sínteses cosmovisionais tais como Deus Pessoal, Todo-Uno, Deus Ausente e Cosmo-Orgânica. Cada uma dessas imagens do Transcendente, verdadeiros ultraconceitos, trazem a marca da imanência, pois derivam, em parte, da horizontalidade. Quais são os conceitos que integralizam esses ultraconceitos: Absoluto, Cosmos, Logos, Nada, Caos, é uma questão que há de se colocar com realismo e humildade, pois aqui se chega mais do que aos conceitos limites, aos limites dos conceitos. Ocorre que tais imagens, na verdade, correspondem ao que se observa como fenômenos, como cosmovisões¹² presentes em cada pessoa, em cada povo, cada cultura e, portanto, dentro de certos limites, são conceitos inteligíveis. É na forma destas cosmovisões que o homem se relaciona com o infinito, no entanto, tangenciando com maior ou menor inclinação a verticalidade, evitando-a sempre que possível e, dessa forma, mantendo-se firmemente preso ao campo da imanência, seguro pela poderosa atração da horizontalidade (Diagrama 5).

¹² “Segundo se atribua a primazia a Deus ou ao mundo, temos o panteísmo em sentido estrito, que dilui Deus no universo e o panenteísmo que vê no mundo um puro modo de manifestação de Deus. Aparentada com esta é a distinção entre panteísmo e teopanisismo: segundo o primeiro Deus subordina-se ao Todo; ao invés para o segundo o Todo se subordina a Deus.”. Nesta topologia o Panteísmo se refere ao Deus que realiza-se e manifesta-se nas coisas (Spinoza, Goethe, Scheleiermacher, Eucken) Deve-se incluir aqui também o pampsiquismo, que considera o Todo animado por uma alma ou razão do mundo. Assim procura o panteísmo biológico explicar a finalidade interna e a hétero-finalidade próprias dos organismos (Brugger, p. 311-312).

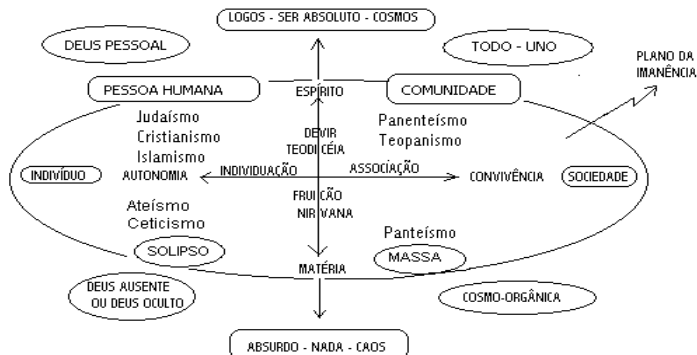


Diagrama 5 - Teologia e Cosmovisões

É ainda na perspectiva do presente modelo que ousaremos compreender o fenômeno da fé que, como adverte Kierkegaard em “Temor e Tremor”, pode arremeter a um movimento sem sentido nas trevas do absurdo e do desespero. Nossa época tem sido pródiga em confirmar tais reflexões, embora de uma forma bem diversa da qual o primeiro existencialista imaginaria. São diárias as manifestações dessa espécie de fé geradora de desespero e absurdo suicida-homicida no terrorismo contemporâneo e do qual o melhor símbolo é o ataque às torres gêmeas no onze de setembro. No entanto, podemos vislumbrar através do *Diagrama 6* que as três “virtudes teológicas”: a fé, o amor (ou caridade) e a esperança configuram uma estrutura precisa e na qual o Logos¹³ encontra seu fundamento último na Esperança¹⁴, enquanto que a fé, isolada das demais

¹³ Aqui o Logos deve ser entendido menos no sentido dado por S. Agostinho, como o único Logos verdadeiro, ou ainda como mero pensamento lógico mas, sobretudo, como estrutura lógica da realidade ou seja Verdade.

“... o Logos se refere ao avanço da vida humana guiada pela claridade do logos que deve a ética platônica e a ética aristotélica. O primeiro desenha-se sobre a pressuposição da univocidade do logos polarizado pelo alvo supremo da contemplação da Idéia do Bem. O segundo admite a analogicidade do logos educador, que irá iluminar três caminhos possíveis da vida humana, o do fazer, o do agir e o do contemplar.” (Vaz, 1992, p. 155).

¹⁴ “A esperança foi frequentemente um tema centra em autores com propensão a uma interpretação ‘existencial’ dessa noção. Destacamos aqui as idéias de Gabriel

virtudes, de fato, pode arremeter ao desespero do absurdo e falta de sentido. É a Esperança, então, síntese das virtudes teologais, aquela que permite a verdadeira ordenação do Caos para transformá-lo então, em Cosmos.

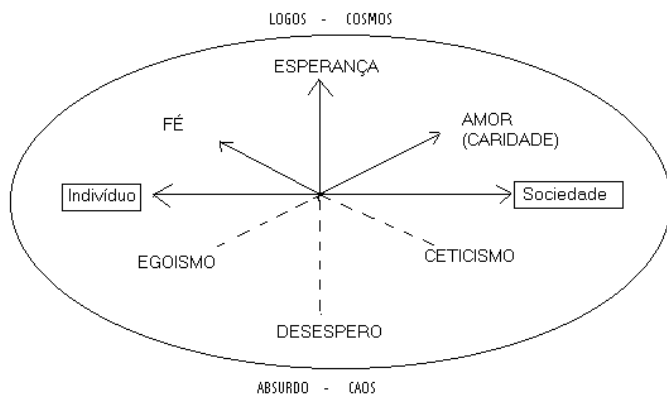


Diagrama 6 - Virtudes Teologais

As conseqüências epistemológicas desse método se estendem a uma diversidade de campos do saber, pois são nos territórios delimitados pelos quadrantes, traçados pelos proto-eixos, entre os paradigmáticos conceitos e categorias que surgem os desdobramentos nos diferentes campos do conhecimento. A colonização desses quadrantes não é arbitrária, tampouco infalível, visto que o método somente desenha, em linhas gerais, os paradigmas, por outro lado, do ponto de vista de uma ontologia, a experimentação é exatamente o objetivo intentado através de um diálogo contínuo entre o abstrato e o concreto. Sob esse enfoque o

Marcel, para quem a esperança não é meramente um esperar que algo ocorra, mas um esperar fundado em uma abertura tanto daquele que espera como daquilo que é esperado. A esperança encontra-se, por conseguinte, fundada na transcendência. Ela tem um caráter pessoal, enquanto é esperança de alguém em relação a alguém, mas também, e, sobretudo, um caráter ontológico, na medida em que se refere ao ser e não apenas ao ter. A esperança é para Gabriel Marcel um mistério e não um problema.” (Mora, 2000, p. 883-884).

Diagrama 7 propõe uma topologia das ideologias e correntes filosóficas que vem influenciando o pensamento contemporâneo.

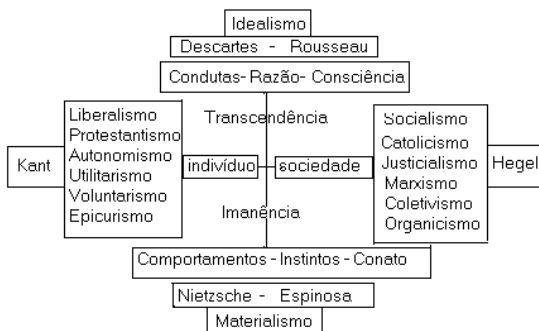


Diagrama 7 - Um exercício de topologia epistemológica

4. Para uma ética aplicada à vida

Somente a ligação a algo infinito proporciona liberdade em relação a tudo que é finito (Hans Kung).

A Bioética vem necessitando de uma consistente fundamentação epistemológica e, como área da Filosofia aplicada à vida, é na Antropologia Filosófica e na Ontologia que encontraremos tal fundamentação. De outra forma a Bioética, sustentada em bases frágeis, corre o risco de sucumbir, como mero saber instrumental e sem alma, a apelos puramente mercadológicos. Em tal situação o presente método pode contribuir para deslindar os seus fundamentos epistemológicos e, no caso da corrente principialista, aí mesmo, ocorrem acalorados debates entre adeptos de um ou outro dos seus princípios, entre “autonomistas”, “beneficentistas” e “justicialistas”. Se usarmos o exercício proposto no modelo, veremos que este se torna útil para demonstrar que o Princípio da Beneficência (PB) é moralmente defensável. É um princípio fundador posto que ao valorizar o ser humano como Pessoa funda o Princípio da Autonomia (PA) e ao valorizar a sociedade enquanto Comunidade funda o Princípio da Justiça (PJ). Por outro lado, princípio da não-maleficência (PNM) não é uma versão, por negatividade, do

Princípio de Beneficência. Moralmente o PNM não é defensável na medida em que se trata antes de uma negação da ação. Como essencialmente uma omissão, tal princípio somente pode fundar antivalores, tanto é assim que, em sua neutralidade, ao desvalorizar o ser - humano e a sociedade funda a iniquidade e o paternalismo, ambos, frutos de uma visão que reduz a comunidade à mera massa e a pessoa ao passivo paciente (*Diagrama 8*).

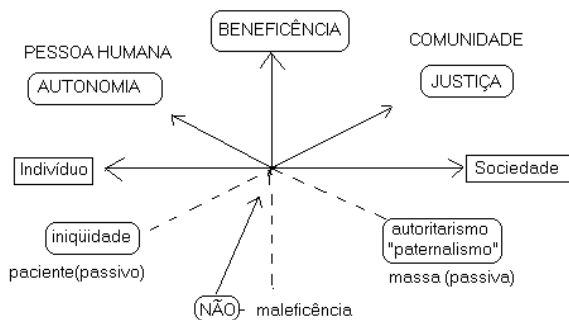


Diagrama 8 - Uma topologia para a Bioética

O método ora proposto pressupõe, obrigatoriamente, um universo de valores hierarquizados, que gravitam no horizonte do plano da imanência, capazes de atrair, teleologicamente, o ser humano. De outra forma, as ações humanas e sua patologia, passariam a ser reduzidas apenas às resultantes de forças pulsionais trabalhando em várias direções, em evidente contradição epistemológica com o modelo aqui desenhado. Os reducionismos, de qualquer escola ou pensamento contemporâneo na área da Ética Filosófica, encontram-se representados dentro da lógica do modelo, no *Diagrama 9*.

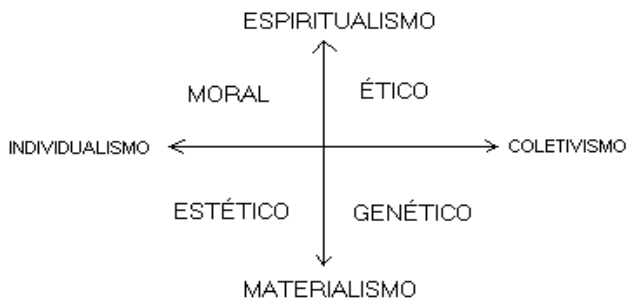


Diagrama 9 - Os grandes reducionismos

A imagem de ser humano não deve comportar qualquer tipo de reducionismo, especialmente dentro da Bioética. Na tentativa de explicar o seu agir humano como pura conduta, tornamos o homem muito mais que humano, por outro lado, a sua redução a mero comportamento, o torna muito menos que humano. Eis ao que se resumem os dois grandes reducionismos que são o materialismo e espiritualismo: O primeiro é o “ser com o mundo” o segundo é o “ser fora do mundo”, ambos, em última instância, formas de “não ser” seja na pura horizontalidade, seja na pura verticalidade.

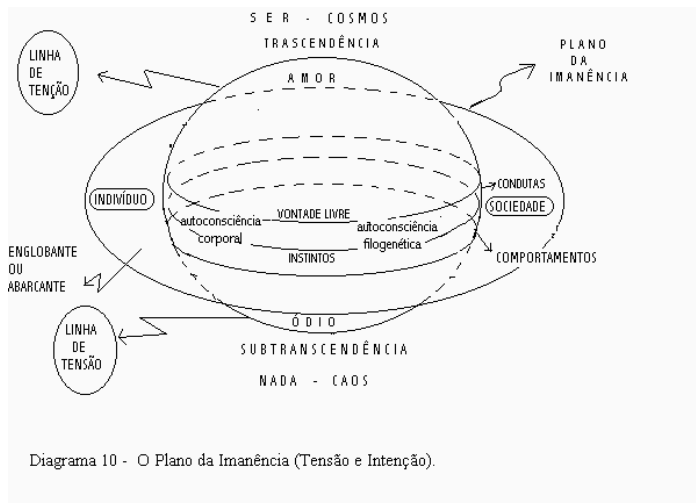
5. Conclusão

A estes homens beneméritos, que a meticulosidade do discernimento aliam de modo tão feliz o talento de uma exposição luminosa (a qual não me sinto bem consciente de possuir), deixo o encargo de concluir, no tocante ao último ponto, minha elaboração aqui e ali porventura ainda defeituosa; pois o perigo neste caso reside não em ser refutado, mas em não ser compreendido. (Kant).

Diante das numerosas constatações da insuficiência do pensamento contemporâneo para determinar as melhores ações para a humanidade, o presente modelo se propõe a contribuir para resgatar a Ética Filosófica sob a ótica de uma metafísica dos costumes na

qual a razão e a mística possam prestar serviços proporcionais à suas potências. A metodologia aqui desenvolvida remete a modelos antropológicos e psicológicos entre os quais se pode fazer menção a estrutura tripartite da mente de Freud e à Teoria de Campo de Kurt Lewin, que utilizou uma combinação de análise topológica e vetorial com objetivo de mapeamento do espaço vital. No, entanto, no presente modelo, as categorias são mais do que simples instrumentos operativos de identificação de tensões e pulsões, pois emergem de uma outra espécie de cálculo vetorial, se articulando no plano de uma estrutura preexistente do Ser, tal como as já conhecidas categorias de entendimento “a priori” de Kant (espaço e tempo). O modelo não define apenas um espaço abstrato e sim um espaço estruturante; tampouco um tempo abstrato, mas o tempo teleológico do dever-ser. Mais do que simplesmente qualificativo e operativo, o espaço é constitutivo e, portanto, para além de topológico, é ontológico, no qual os vetores designam não simplesmente tensões, mas intenções. As forças de tensão (Conato) e de intenção (Logos) expandem o plano da imanência e remetem a uma totalidade da existência humana, representada tridimensionalmente como uma esfera¹⁵ (*Diagrama 10*). Daí a abordagem teleológica remeter sempre à ontológica, na medida em que, o papel do homem em sua busca de transcendência, de seu logos, é forçosamente ordenar o caos, transformando-o em cosmos e, dessa forma, ao tencionar o Campo da Imanência, paradoxalmente, amplia-o indefinidamente.

¹⁵ Pode-se dizer que já desde os pitagóricos, a esfera foi considerada a mais perfeita das figuras; tornava-se, pois, quase inevitável referir-se a ela cada vez que se queria dar a imagem da plenitude. A idéia da esfera é uma dessas idéias que persistem, não apenas por transmitir-se de alguns autores para outros, mas também porque ‘ocorrem’ naturalmente, ao espírito humano cada vez que ele tenta compreender o incompreensível (Mora, p. 869-870).



Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1966.
- BEAUCHAMP, Tom L.; CHILDRESS, James F. *Principles of biomedical ethics*. New York: Oxford University Press, 2001.
- BRUGGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1987.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34 Literatura, 1992.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ESPINOSA, Baruch De. *Ética: tratado político*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).
- FETZER, James H. *Filosofia e ciência cognitiva*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.
- FRANKL, Viktor E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. (s. l.): Zahar Editores, 1978.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920); O Ego e o Id (1923). In: *Pequena coleção das obras de Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1975.

- ILARIO, Enidio. *Uma topologia das visões de mundo como introdução à Bioética: uma abordagem transdisciplinar*. Dissertação Mestrado Filosofia, Ética, PUC, Campinas, SP, 2003.
- ILARIO, Enidio. As cosmovisões e imagens do homem: um exercício de epistemologia fundamentado na teleologia e na ontologia frankliana. In: Phrónesis, Revista de Ética, Vol. 2, no 1, Campinas, SP, 2000.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- JASPERS, Karl. *Filosofia de la existencia*. Madri, ES: Aguilar Ediciones, 1968.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1999 (Os Pensadores).
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- KIERKEGAARD, Soren. *Temor e tremor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).
- KUNG, Hans. *Projeto de etica mundial*. São Paulo: Edições Paulinas, 1998.
- LEWIN, Kurt. *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo: Cultrix, 1973
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- MORA, José F. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- MOUNIER, Emmanuel. *O personalismo*. Lisboa, PT: Martins Fontes, 1976.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1999 (Os Pensadores).
- VAZ, Henrique de L. *Antropologia filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992.